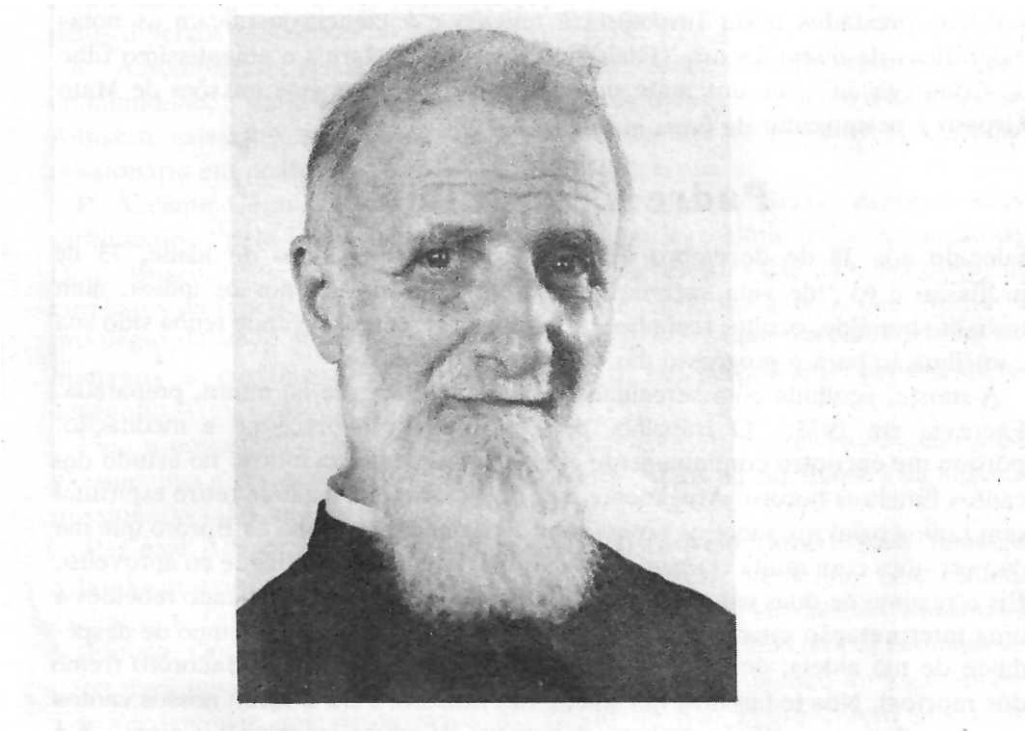
INSPETORIA SALESIANA DE CAMPO GRANDE

MATO GROSSO - BRASIL



PADRE CÉSAR ALBISETTI

*18-06-1888 † 28-12-1977

Campo Grande, Iº de setembro de 1978.

Prezados irmãos,

circunstâncias diversas adiaram a elaboração desta carta mortuária. Ultimamente, o artigo de Enzo Bianco no Boletim Salesiano, edição italiana, descreveu amplamente as benemerências deste salesiano e dispensaria outra publicação. Entretanto o reconhecimento, a gratidão pela ampla folha de serviços prestados nesta Inspetoria à religião e à ciência justificam as notas biográficas de quem foi um "fidelíssimo servidor da Igreja e amantíssimo filho da Congregação", um dos mais ardentes apóstolos de nossas missões de Mato Grosso e pesquisador de fama internacional

Padre César Albisetti

falecido aos 28 de dezembro de 1977. Contava 89 anos de idade, 73 de profissão e 65 "de vida sacerdotal toda ela dedicada aos nossos índios, num trabalho humilde, oculto, reconhecido por poucos, embora grande tenha sido sua contribuição para o progresso das ciências humanas".

A morte, acolhida com serenidade e confiança, era, de há muito, preparada. Escrevia em 1973: "O trabalho, pelo qual vivo, favorece-me a meditação, porque me encontro continuamente com o pensamento na morte, no estudo dos cantos fúnebres bororó. Atualmente parece ser de moda fazer-se retiro espiritual sem tantas palavras sobre os novíssimos. Felizmente eu tenho os Bororó que me dão sermões com muita clareza, em sua difícil linguagem poética, e eu aproveito. Eis o resumo de duas estrofes, que até há pouco tempo haviam ficado rebeldes a uma interpretação satisfatória: — Amigo — canta o poeta, — é lempo de despe-dir-te de tua aldeia, de teu clã, de todos os ornamentos e ir a Bakoróro (reino dos mortos). Nós te faremos um solene rito fúnebre. Para ti serão nossos cantos e nossas danças — "Fala-me bem claramente da morte, conclui P. César — e é bom, porque o mesmo convite nos vem de Jesus."

Tal serenidade diante da morte refletiu-se nas palavras que salesianos e irmãs colheram de seus lábios nos últimos dias. "Amemo-nos — dizia — uns aos outros. Na caridade e no amor há paz, serenidade, harmonia. Sob as asas do Senhor, vive-se com amor e serenidade." Após a primeira crise de saúde do dia 27, repetia frequentes vezes com total confiança no Senhor das misericórdias: "Senhor, em tuas mãos entrego meu espírito." Com razão, portanto, o comentarista abriu a liturgia eucarística com as seguintes palavras: Diante de tal morte não há condições para existência de dúvidas e de interrogações a respeito da beleza e

sublimidade desse encontro com o Senhor Jesus Ressuscitado, penhor e garantia de nossa Ressurreição."

Dom Camilo Faresin, bispo-brelado de Gúiratinga, presidiu a missa de corpo presente concelebrada por sacerdotes vindos de várias partes da inspetoria e ressaltou, na homilia, os merecimentos da longa vida missionária do falecido. Os restos mortais, levados pelos Bororó e Xavante, foram depositados no humilde cemitério da missão, onde repousam outros heróicos missionários, que, como ele e com ele, imolaram as suas energias na catequese e aculturação indígena. P.Venturelli, antes que a terra cobrisse o ataúde, deu ao P. César o último adeus, em nome dos salesianos e das duas tribos presentes.

A notícia do falecimento suscitou numerosas manifestações de pesar. O Sr. Núncio Apostólico do Brasil, Dom Carmine Rocco, enviando condolências pela morte "do grande missionário e conhecido etnólogo" escreve: Anos atrás tive o prazer de encontrá-lo na visita aos índios Bororó e pude admirai- seu espírito eminentemente sacerdotal, seus dotes intelectuais e sua profunda preocupação pelos diversos problemas humanos e científicos."

A Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso aprovou, poi unanimidade, "um voto de profundo pesar pelo falecimento do Padre Cesar Albisetti, salesiano, autor da Enciclopédia Bororó, um dos pioneiros do trabalho missionário em nosso Estado e cidadão matogrossense".

P. Vicente César, diretor do Instituto Anthropos do Brasil, expressa seus sentimentos "peio falecimento do grande missionário, glória da congregação de Dom Bosco, estrela de primeira grandeza na constelação dos religiosos e etnólogos da Igreja", e acrescenta: "Sua morte consterna a todos que tiveram o privilégio de vê-lo sempre lúcido e interessado pelos mais variados problemas humanos e científicos, incansável na faina Je pesquisador persistente e profundo."

Para a nossa inspetoria a morte do P. César Albisetti representa a quebra do elo que unia a geração presente à dos primeiros vultos da catequese e da história missionária salesiana no estado.

P. César Albisetti nasceu aos 18 de junho de 1888 em Terno dísola, pequena vila da província de Bérgamo (Itália), primogénito de Paulo e de Maria Galbusera. Terminados os estudos em sua terra natal, foi enviado ao Oratório de Valdocco. Dom Bosco era conhecido em Terno dísola. Estivera lá em maio de 1860 para uma missão especial. O P. Fernando Bagini, pároco do lugar, preso por recomendar aos

paroquianos o "Óbulo de São Pedro", fora posto em liberdade nos primeiros dias daquele mês. Dom Bosco, a pedido do bispo de Bérgamo, do qual era hóspede, acompanha o sacerdote à paróquia e o reintegra no cargo de pároco. O episódio e a palavra simples e sacerdotal dirigida ao povo do púlpito da igreja paroquial tornaram Dom Bosco e protetor favorito dos momentos difíceis. Com a canonização a simpatia transformou-se em devoção.

P. César, de família profundamente religiosa, verdadeira igreja doméstica, encontrou no Oratório o ambiente favorável para o germe vocacional que a graça divina depositara em seu jovem coração. Foi, portanto, natural sua passagem do Oratório ao noviciado, que transcorreu sob a direção do grande mestre de salesianidade que foi o P. Zolin. Em outubro de 1904 concluiu o período de formação com os primeiros votos religiosos, consagrando-se definitivamente ao Senhor com a profissão perpétua em 1910. Seguiu-lhe o exemplo o irmão Luís que, por vários anos, foi vigário zeloso da paróquia salesiana de "S. Maria Liberatrice", em Roma. Este faleceu em Roma em 1944, quando erroneamente foi anunciada a morte do P. César como "ardoroso apóstolo das missões de Mato Grosso".

Em Valsálice iniciou os estudos de filosofia, concluindo-os em Castelnuovo D. Bosco, onde fez o tirocínio e os estudos de teologia. A 21 de setembro de 1912, foi ordenado sacerdote em Turim. Dois anos mais tarde foi enviado às missões de Mato Grosso, onde o tio materno, P. José Galbusera, sacerdote exemplar e abnegado, era secretário zeloso e fiel de Dom Antônio Malan, prelado e inspetor ao mesmo tempo.

Enquanto aguarda o dia da partida recebe singular incumbência. Iniciada a causa de beatificação de Domingos Savio, era desejo dos nossos superiores transferir seus restos mortais da vila de Mondònio para Turim. Uma primeira tentativa, organizada com muito aparato pelo P. Trione, promotor da causa, encontrara forte oposição dos habitantes do lugar. Para nova tentativa é solicitada a colaboração do diretor do colégio de Castelnuovo, P. José Guala, que temendo represálias contra o instituto, encarrega o P. César em vésperas de partir para Mato Grosso, para resolver o problema. Estudado minuciosamente o plano, este parte a pé para Mondônio. Lá chegando, encontra um carro estacionado à porta do 7 velocidade para Turim, onde é ansiosamente esperado. P. César com a urna sobre os joelhos, recomenda a Domingos Savio sua próxima viagem e as da futura vida missionária. Comentando o episódio, conclui: "Em mais de quarenta anos Jc missão em Mato Grosso, as viagens não foram nem poucas, nem fáceis, nem agradáveis, porém, sempre felizes. Domingos Savio foi generoso.

Resta-lhe completar a obra, ajudando-me na mais importante das viagens que hei de fazer."

Antes de partir, despede-se dos familiares. Encontra, porém, a mãe gravemente enferma. A corajosa mulher, após receber os últimos sacramentos das mãos do filho, manda que siga a própria vocação, sem se preocupar com ela. Deus é um pai, Ele veiará. P. César, com o coração amargurado, obedece. Deus não lhe deixa vencer em generosidade. Premia o heróico sacrifício dos dois. Ao chegar a São Paulo, o missionário encontra uma comunicação da própria mãe, que lhe anuncia suas melhoras.

Em fins de 1914 chega a Mato Grosso. No ano seguinte é diretor da Colónia Indígena da Imaculada, às margens do rio das Garças. Serão 63 anos de vida sacerdotal dedicados totalmente a serviço dos índios Bororó, num trabalho humilde e oculto, nem sempre reconhecido e apreciado.

Os inícios não são fáceis: é um mundo totalmente novo. Será preciso conquistar a amizade dos Bororó, muito reservados, particularmente com os brancos. Ele sabe que a melhor prova de amar um povo "é aprender seu idioma". Por isso confessará mais tarde — a coisa mais importante para mim foi aprender a língua bororó. Não foi fácil, mas, como quando se é jogado na água aprende-se a nadar, assim eu, atirado no meio deles, com paciência, esforço e boa vontade, fui aprendendo."

Em 1918, Dom Malan decide fechar a colónia para abrir outra às margens do rio das Mortes e tentar a catequese dos Xavantes, cujas incursões semeavam terror e angústia entre civilizados e Bororó. P. César encarregado de preceder a ' comitiva, monta a cavalo e segue. Mas, seja pelo cansaço, seja pelo mormaço, começa a cochilar. O animal, sentindo as rédeas soltas, toma outro caminho. Um solavanco chama o cavaleiro à realidade. Olha ao redor: não conhece o caminho nem encontra rastro algum. Após longo ziguezaguear descobre a trilha dos companheiros, chega à missão, acolhido com alívio e sinais de grande alegria. Era visível proteção de seu celeste protetor, Domingos Savio.

Após essa fundação, é nomeado diretor da Escola Agrícola de Palmeiras, à qual desde logo imprime nova orientação. A permanência não é longa. Poucos meses depois, o novo inspetor, P. Pedro Massa, reconduze-o à direção da Colónia da Imaculada, reaberta às margens do riacho Barigajào. A vida da colónia transcorre normalmente. Em fins de 1921 caem pesadas chuvas, que poderiam ter causado, além de danos materiais, perda de vidas humanas, não fosse a vigilância e a

prudência do diretor. Na boa noite do fim de ano deseja às comunidades dos salesianos e das irmãs um feliz 1922, repleto de graças e bênções divinas, e acrescenta: "Não permita o bom Deus amanheçamos com os pés na água." Adivinhara. Pela meia noite, gritos alarmantes despeitam de sobressalto a colónia. O riacho, quase rompesse um dique, transborda despejando a água em abundância. P. César ordena que todos se levantem e salvem quanto é possível. Salesianos e irmãs, com a água até a cintura, retiram dos depósitos mantimentos e utensílios. A capela é inundada. O diretor, de canoa, entra para retirar o Santíssimo. Acompanham-no salesianos, irmãs e Bororó, andando por entre os bancos a flutuarem sobre a água. P. César distribui as Sagradas Espécies e todos se retiram para o cerrado, onde passam cerca de três meses. A providência do diretor consegue que, apesar das dificuldades, nada falte às 150 pessoas lá reunidas.

Em 1923, o fechamento também desta Colónia, leva P. César para o Sangradouro. Encarregado de preparar material para a Exposição Missionária Vaticana, promovida por Pio XI por ocasião do Ano Santo de 1925, vai a Roma. Zela cuidadosamente da distribuição nas salas postas à sua disposição e merece, pela abundância e variedade de material, os mais amplos elogios da imprensa internacional. Pio XI o agracia com o diploma de benemérito.

Regressa a Mato Grosso em 1925, como diretor da Caolônia São José de Sangradouro. Dirige-stu por vinte anos, com breve interrupção em 1933-34, quando é nomeado vigário em Poxoréo. Sangradouro, fazenda do Dr. Santos, foi adquirida por Dom Malan para reunir nelatf famílias bororó, a fim de se aculturarem num centro que deveria ser modelar. A finalidade não foi alcançada, mas a colónia sempre contou com a presença de alguns do Bororó. **Em 1918,** o Governo do Estado havia autorizado o funcionamento duma escola para Bororó e civilizado. Por isso, foram abertos dois internatos, mantidos pelos salesianos e irmãs que fizeram do Sangradouro um campestre centro de atividades agrícolas e de estudo.

Em dezembro de 1926 a colónia é ocupada pelos revolucionários da Coluna Prestes e transformada em campo de batalha contra as forças legalistas, enviadas de Cuiabá. O diretor, previamente avisado, retira-se com as duas pequenas comunidades para o mato, no caminho para Cuiabá, levando consigo mantimentos e tudo que foi possível carregar. Os fugitivos, expostos às interpéries do tempo, celebram de modo muito realista o natal daquele ano. Os revoltosos, desiludidos por não encontrar as provisões de que precisavam, saqueiam e

destroem quanto lhes cai nas mãos, inclusive um velho caminhão, adquirido pelo P.César, primeiro veículo motorizado a entrar na região.

P. César, de volta à colónia desolada, não se deixa abater, mas apoiado pôr um grupo de irmãos coadjutores e cheios de iniciativa, organiza a reconstrução.

A missão volta à normalidade e inicia uma fase de progresso e bem estar, que a transforma num verdadeiro oásis, com novas instalações para as oficinas, onde jovens Bororó se iniciam no ofício de marceneiros.

A lavoura toma novo impulso e sucessivas experiências permitem encontrar uma qualidade de trigo que é cultivado com bom resultado. Em 1942, por ocasião do Congresso Eucarístico de São Paulo, os visitantes da exposição missionária podem contemplar amostras do primeiro trigo cultivado no planalto mato-grossense pelos índios Bororó do Sangradouro.

Esses melhoramentos foram obtidos graças à realização dum projeto há muito acariciado pelo P. César: trazer até a colónia a água dum córrego, que passava a oito quilómetros de distância. Apesar das múltiplas dificuldades encontradas pela falta de meios adequados e de pessoal capacitado, o canal tornou-se uma realidade em 1941, sendo sua inauguração presidida pelo prelado e comemorada com grande alegria pelos Bororó.

P. RicaMone fez votos para que as "melhoradas condições materiais estimu-lassem o apostolado pela instrução catequética e pela formação religiosa." Era este um programa tradicional na família Albesetti, O pai todas as noites, antes de recolher-se, dirigia em voz alta uma dezena de perguntas e respostas do catecismo. A quem censurava tal costume respondia: "Recordo as verdades eternas e os meus deveres." Crescido nessa escola, P. César tofnou-sepromotor convicto e entusiasta do catecismo. Em 1927, a madre inspetora presenteava a colónia com um projetor "Pathé Baby" e vários filmes sobre a vida de Nosso Senhor. Com tais projeções o missionário tornava sempre mais agradáveis as explicações catequéticas, que, pontualmente, aos domingos e dias santos, dava a jovens e velhos. Os murmúrios de aprovação com que os índios interrompiam as palavras do pregador testemunhavam seu interesse. O estudo do catecismo era estimulado por certames feitos na presença de toda a aldeia com premiação dos vencedores. Em 1931, P. Pedro Tirone, representante do reitor mor, em visita à colónia, registra no livro de visitas a admiração pelo brilhantismo dos certames que presidira: "Assistimos a três certames de catecismo; um para adultos, outro para os meninos e um terceiro para as meninas. Ficamos não apenas satisfeitos,

mas admirados pela prontidão e correção das respostas. Mais da metade dos concorrentes, embora as provas se prolongassem por muito tempo, se manteve invencível." Outra prova do interesse pelo catecismo foi a participação do jovenzinho Motojéba no certame promovido em 1939 para os alunos do Liceu São Gonçalo de Cuiabá, onde ele mereceu brilhantemente o segundo lugar.

Imitador de Dom Bosco, para quem "era delícia ensinar catecismo aos meninos" realizava em seu apostolado aquilo que o CGE definia como "vocação e missão do salesiano: ser evangelizador e catequista sempre e em toda parte". (CGE 341)

Formado nos lugares sagradas à congregação, Valdocco, Valsálice e Castel-nuovo, vive, com fidelidade e doação sem limites, a vocação salesiana, sacerdotal, missionária. Eis o testemunho de quem conviveu com ele por longos anos: "P. César era uma figura pouco apreciada por quem não chegasse a descobrir as riquezas de seu coração e a fibra adamantina de um grande filho de Dom Bosco e grande missionário. Seu caráter, na aparência ríspido e quase insociável, escondia tesouros de bondade, de retidão, de sensibilidade e de vida interior. Dizia uma irmã: — Qual ouriço a defender com espinhos a saborosa castanha, P. César ocultava, com a rudez exterior, a bondade de coração." índios e civilizados atestavam: "P. César era sempre do mesmo calibre. Nem dificuldades, nem preocupações podiam abalar sua fé granítica, sua inquebrantável vontade, sua envergadura sacerdotal, seu acatamento à Igreja e à Congregação. Perante o dever e a justiça era de uma exigência inflexível. Nos muitos anos de direção, cuidou sempre com carinho da formação religiosa dos irmãos, não omitindo as conferências e palestras de praxe, sempre atuais e interessantes. Nunca uma adulação, um deixe-correr, mormente no referente à vida religiosa. Nós mesmos, nos últimos anos, recebemos suas confidências lamentando quanto lhe parecia contrário à sã tradição e às normas traçadas pela experiência."

"Quem não lembra— escreve o citado irmão — as lindas festas e as familiares academias realizadas ao luar nas noites serenas ou sob a varanda, alegradas por um conjunto, formado por Bororó sob sua direção. Naquelas ocasiões sentia-se que a comunidade era um coração só com o diretor. Celebravam-se com sole-nidades as datas salesianas e as principais festas litúrgicas, particularmente as de Nossa Senhora, que teve papel preponderante no início da catequese salesiana, pois apresentou-se ao cacique como a "Tá-je imiréo", isto é: "Eu sou mesmo a vossa mãe".

Patenteava o amor à Congregação, na frequente correspondência com os superiores e no acatamento pronto mesmo de seus simples desejos. A partir de 1936 pôs à disposição do P. Inspetor a colónia para acolher, no período das férias, os clérigos filósofos, que necessitavam refazer, no clima ameno e na alimentação abundante e variada do Sangradouro, as energias depauperadas no estudo e nos calores da capital mato-grossense. Por isto escrevia-lhe P. Ricaldone: "Agradeço quanto fizeste pelos clérigos para os fortalecer e lhes proporcionar férias sadias." Homem de poucas palavras, vivia intensa vida interior. Intervindo numa discussão de missionários, disse certa vez: "Missionário é um homem de sacrifício e de oração. Ele vê desenvolver-se sua missão difícil como um enigma debaixo de todos os aspectos. Guiado por critério sadio e prático, é sustentado pela caridade de Jesus Cristo, do qual é embaixador, com a única preocupação de levá-lo às almas e estas a Ele. A oração sustenta e ilumina as inevitáveis dificuldades."

Essas palavras explicam toda atividade do P. César, sua coragem e serenidade nas peripécias e momentos difíceis de sua longa vida missionária.

Certa vez encontrou um Bororó que regressava de mãos vazias da caça. Sabendo-o bom caçador, dirigiu-lhe zombeteiramente a palavra. Em fração de segundos, o índio enfurecido retesou o arco e, à distância de uns trinta metros, disparou flecha certeira ao coração do P. César, que, numa presença de espírito impressionante, apanhou o projétil em pleno vôo e devolve-o ao arqueiro. Este indiferente recebe-o, comentando secamente: "Meus antepassados faziam o mesmo." O episódio, presenciado por outros índios, serviu para aumentar a estima e o prestígio do missionário.

Noutra ocasião ao repreender um índio, ouve o desafio: "A-rugó-re ("Briga tu"). P. César fica por um instante perplexo, mas o outro vai-lhe ao encontro repetindo: "A-rugó-re, a-rugó-re". Retirar-se, seria covardia, porque muitos eram os índios presentes; aceitar, seria perigoso, porque o desafiante era bem mais forte. Depois de alguns instantes toma coragem e em tom enérgico diz: "Estás falando sério ou estás brincando?" Expectativa geral! O índio, surpreendido pela atitude do missionário, responde: "Estou brincando!" P. César, sem deixar transparecer o suspiro de alívio, conclui: "Está bem! Então tudo acabou, vamos dormir." E, com honrosa saída para ambos, todos se retiram.

Imitando o exemplo do Bom Pastor, que não abandona as ovelhas, e fiel ao sistema preventivo, segundo o qual o educador deve estar sempre entre os educandos, P. César' visitava diariamente a aldeia e, frequentemente, acompanhava os índios nas caçadas. Em 1934, transferido para a paróquia de Poxoréo, deu início

à "catequese volante". Na paróquia, cuja extensão era imensa, existiam vários núcleos indígenas, formados por Bororó que já tinham estado nas colónias. A visita, portanto, tinha a finalidade de fazer sentir aos indígenas que os missionários nãos os esqueciam e ao mesmo tempo de manter vivos os ensinamentos recebidos. Nessa primeira excursão, acompanhado pelo coadjutor Secondo Busso, P. César percorreu mais de mil quilómetros: 100 a pé. 150 em canoa e os restantes a cavalo. Encontrou cerca de 600 Bororó. Retornando no ano seguinte à direção de Sangradouro, continuou essas viagens acompanhando os Bororó nas caçadas, que faziam periodicamente. "Passávamos — escreve P. César — meses e meses andando a pé. Eu tinha o cavalo, mas no mundo desconhecido o cavalo muitas vezes atrapalha. A pé a gente anda onde quer; a cavalo onde pode."

Essas viagens nem sempre foram sem surpresas. Acompanhando, certa vez, um grupo de Bororó com outro colega, estes os deixaram em sério perigo. Para atravessar o rio das Mortes, caudaloso e encachoeirado, os índios fizeram uma balsa com estipes de buritis. Empurrada por eles, já andavam pelo meio do rio, quando os cachorros começaram a latir, acusando a presença de algum animal na mata próxima ou numa das margens. Os Bororó, sem se preocuparem com a embarcação e seus ocupantes, pularam n'água e embrenharam-se na mata. A balsa, à mercê da correnteza, ia descendo rapidamente. P. César e o colega, não sabendo nadar, conseguiram segurar-se a uns galhos das margens. Quando já não tinham mais forças para agiientar-se, voltaram os índios, alegres e satisfeitos pela caça de uma paca, que, horas mais tarde, foi devorada saborosamente.

Após mais de vinte anos de convivência, foi dado ao P. César vencer o "círculo fechado que são os Bororó, para quem as coisas da tribo são somente da tribo e para ninguém mais," e merecer a confiança dos chefes, guardas zelosos e únicos intérpretes das tradições. "Pelo espaço de quase quarenta anos de vida missionária — escreve — estive em ótimas condições para o estudo e a observação da tribo, podendo facilmente analisar as mais diferentes facetas do grupo e assistir à sua paulatina aculturação. Nas longas viagens pelas matas, fazendo da vida do índio a minha vida, pude sondar os mais variados aspectos e as mais diversas reações dos Bororó." "Assistindo às sugestivas cerimónias diurnas e noturnas — escreve Mons. Guariglia, professor da Universidade Católica de Milão Coavam à vida desses caçadores e pescadores uma nuança de permanente e convicta ritualização, ouvindo os mitos que recordavam os heróis e os tempos primitivos, amadureceu em P. César o propósito de publicar tão rico patrimônio de sabedoria, arte e poesia." Herdeiro dos estudos dos padres Pessina, Tonelli e Colbacchini, planejou, com o P. Venturelli, a publicação da Enciclopédia Bororó,

em quatro volumes, classificada por Lévi-Strauss: "o maior monumento da etnologia sul-americana". Escritor ágil e atraente, manteve correspondência com revistas religiosas e científicas e publicou dois opúsculos: Episódios de Vida Missionária e Mottogéba, biografia de um jovem bororó, pequena flor desabrochada na colónia do Sangradouro.

Em 1952 deixa a direção da colónia Sagrado Coração de Merúri, para onde fora transferido em 1948 e passa a residir em Campo Grande, ao lado do Museu Regional "Dom Bosco, fundado pelo P. Félix Zavattaro, ao qual ele fornece a maior parte do material Bororó. Membro do Centro de Pesquisas do citado museu, escreve: "A Missão Salesiana de Mato Grosso após cumprir sua obrigação para com a religião e a sociedade, aproveitando o rico cabedal de conhecimentos e de experiências, procura entregar à ciência o tesouro lingiiístico-etnográfico da tribo bororó, que sob este aspecto se apresenta como um dos mais ricos e completos da América Ltina." O centro contou com a colaboração de vários Bororó, principalmente de Tiago Aipobureu, um dos melhores conhecedores da cultura bororó. Foi ele o primeiro Bororó que o P. César encontrou em 1913, em sua terra natal, quando lhe ajudou a missa. O jovem fora levado a Europa por Dom Malan e acompanhara P. Galbusera em visita aos parentes em Terno d'isola. Foi uma das melhores conquistas no campo missionários e etnográfico. Sem despir-se de sua personalidade acentuadamente índia, soube com inteligência e amor, revestir-se da personalidade de uma outra cultura e dedicar os últimos anos de sua atividade ao que considerava "o nosso livro". Com esta preciosa colaboração, os padres César e Venturelli lançaram mãos à obra, publicando em 1962 o primeiro volume: Vocabulário e Etonografia. Com mais de mil páginas, contém dez mil palavras e expressões bororó, traduzidas e amplamente comentadas com inúmeras ilustrações do P. Venturelli. O sucesso desse volume levou os autores a continuarem suas atividades. "O ritmo de trabalho do p. César — escreve um salesiano— acelerou-se ainda mais. Grande observador e homem de poucas palavras, passava dias e noites mergulhado em suas meditações, consultas e informações. Não deixava problema sem solução. Quantas vezes suspendia uma conversa e subia ao quarto para anotar uma solução, que há meses o preocupava. Altas horas da noite escutava-o levantar-se da cama para escrever alguma solução encontrada enquanto o sono tardava a chegar. Dificilmente se encontra escritor com tanta consciência e amor à verdade." Em 1969 ele e o P. Venturelli publicavam o segundo volume: "Lendas e Antropônimos". "Se o primeiro volume — escreve o antropólogo Egon Schaden — da enciclopédia nos dá a conhecer, de forma analítica e com admirável riqueza de pormenores, a cultura bororó em suas mais diferentes manifestações, este segundo nos revela em sua plenitude o

imenso cabedal de criações míticas, em que se refletem a organização social, o sistema de valores, as crenças religiosas e toda a mentalidade peculiar da tribo."

Apesar da idade, está com mais de oitenta anos, continua suas pesquisas com grande disponibilidade e invejável lucidez de mente. "O Senhor — escreve em carta a um amigo — concede-me uma saúde feita sob medida para mim e para o trabalho que tenho em mãos: Deus seja louvado!" Animam-no ao trabalho as congratulações que recebe de diversas partes. "É uma obra verdadeiramente monumental — escreve P. Pianazzi, do Conselho Superior —. O material é prodigioso. Surpreendentes a paciência, o trabalho, a inteligência." P. Pedro Garnero, conselheiro regional, acrescenta: "Esta obra vem coroar tantos anos de esforços e de sacrifícios na evangelização dos Bororó. Honra a Congregação e o nome de Dom Bosco."

Em 1970 retorna a Sangradouro, onde lhe é mais fácil consultar fontes e valer-se da preciosa colaboração de seus fiéis Bororó. Os manuscritos avolu-mam-se em sua mesa de trabalho, não, porém, na mesma medida, os penosos trabalhos de organização e revisão de seu colaborador. Nas dificuldades não falta a palavra encorajadora do superior, que o segue com carinho. "O Osservatore Romano — escrevelhe em 1972 — publica longa reportagem sobre teu trabalho missionário entre os Bororó. Fala principalmente da Enciclopédia Bororó, apresentando-a como um trabalho extraordinário e insuperável de etnografia. Teu trabalho não é somente científico: é alguma coisa de profundamente humano e religioso. Por isso asseguro-te a gratidão da Congregação, à qual ofereces um magnífico exemplo de laboriosidade inteligente e salesiana." Quando se aproxima a hora da impressão do 3º volume, participa ao superior sua alegria: "Dias atrás — escreve ern 1973 — tive a bela surpresa da visita do P. Ângelo, meu colaborador. Trazia todos os originais da primeira parte do terceiro volume, devidamente refeitos. Examinamos tudo: trabalho bonito, bem feito, graças a Deus! Ficamos entendidos que será a nossa contribuição ao Centenário das Missões." Felizmente a publicação foi possível, como encerramento do ano centenário. Em meados de 1977 P. César recebe os primeiros exemplares da primeira parte dos "Textos dos Cantos de Caça e Pesca". Já recolhido ao quarto com as energias depauperadas pela idade e pelos trabalhos, prepara-se para acolher a morte, que os cantos fúnebres dos Bororó lhe tornaram tão familiar. Assistido fraternalmente pelos salesianos e irmãs da Comunidade, após entregar o resto de seus manuscritos a seu colaborador, p. Ângelo Venturelli, a-guarda serenamente o convite do Mestre: "Vem, servo bom e fiel, entra no reino de teu Senhor!" Deus queira que a obra seja quanto antes levada a termo. P. César do céu haverá de alegrar-se.

O Acadêmico de França, Lévi-Strauss, ao ter notícia do falecimento do P. César, a quem o ligavam sentimentos de profunda admiração, escreveu: "Sinto profundamente o rápido desaparecimento do P. César, porque sempre me honrou de sua amizade. Nossos encontros foram raros — recordo ter-me encontrado apenas uma vez — porém nos correspondíamos frequentemente. Também a comunidade dos Americanistas, no seu conjunto, foi atingida pela perda de um douto e sábio, de tal modo identificado com a cultura bororó que um pedaço dela desaparece com ele. A esta cultura, à qual consagrou sua existência, erigiu, mediante a Enciclopédia Bororó, um monumento que não tem igual em nenhuma sociedade da América Tropical. P. César não foi apenas um conhecedor incomparável das técnicas e das leis, das práticas religiosas e das crenças metafísicas dos índios bororó. Ele restará em nossa memória como um dos primeiros missionários que tenha compreendido a riqueza e o valor de um^ fé diferente da sua e de não somente a respeitar, mas defender contra as ameaças e ajudar a sobreviver. Possam seus queridos Bororó encontrar, nos ensinamentos e na prodigiosa mole de conhecimentos acumulados em favor deles, motivos para permanecerem fiéis a suas ancestrais tradições que, como toda a obra do P. César Albisetti demonstra, enriquecem o patrimônio comum da humanidade."

Governos e entidades culturais não deixaram de premiar tão longa página de serviços.

Em 1976, 75° aniversário da chegada dos Salesianos a Mato Grosso, a Assembleia Legislativa do Estado, em sessão solene, confere a P. César Albisetti a "Cidadania Matogrossense" em reconhecimento pelos serviços prestados "aos nossos irmãos indígenas e pela Enciclopédia Bororó, única do género, fruto da inteligência, pertinácia e dedicação no estudo dos usos e costumes da tribo bororó."

Os governos do Brasil e da Itália conferem-lhe as comendas da Ordem do Rio Branco e da Estrela da Solidariedade Italiana, respectivamente.

Membro correspondente da Academia Mariana Salesiana e do Instituto Histórico de Mato Grosso, é distinguido pela Sociedade Geográfica Brasileira com a medalha Mal. Cândido Mariano da Silva Rondon e, pela Universidade Federal de Mato Grosso, com a do Sesquicentenário da Independência.

Os Bororó não deixaram por menos. Na celebração das bodas de diamante de ordenação sacerdotal do P. César promoveram solenes homenagens. Reunidos na Colónia Sagrado Coração de Merúri, herdeira da primitiva colónia dos Tachos, no

grandioso cerimonial de seus ritos, inscrevem-no num de seus clãs com o nome de Okóge E-edúgo, isto é "Cores do Peixe-Dourado", outorgando-lhe a cidadania bororó.

No 70° de sua vida religiosa em 1974, o Reitor Mor, P. Luís Ricceri, escreve-lhe uma carta, com cujos dizeres concluo:

"Querido P. Albisetti, desejo eu também estar de alguma forma presente para externar, com as congratulações pela excepcional meta alcançada, o agradecimento vivíssimo em nome da Congregação e, particularmente, do Brasil missionário por todo bem que neste dilatado período de tempo realizaste com generosidade, amor, inteligência e sobretudo salesianidade. As gerações futuras — não menos do que a presente — terão possibilidade de apreciar toda a mole de trabalho que enfrentaste para a valorização de nosas missões, também no campo da cultura. Queira o Senhor ser generoso contigo, na proporção da dedicação desses longos anos missionários."

Prezados irmãos, penso serem tais palavras suficientes para medirmos a grandeza desse abnegado missionário. Rezemos pelo seu descanso. Peçamos também ao Senhor da messe que envie à Congregação, e particularmente a esta inspetoria, missionários da têmpera do P. César, que, como ele, em primeiro lugar saibam levar Cristo aos homens.

Em fraterna união de orações e em Dom Bosco santo,

P. José Corazza Vigário
Inspetorial

DADOS PARA O NECROLÓGIO

P. César Albisetti
* a Terno d'Isola (Bérgamo - Itália) 18-06-1888,
+ a Sangradouro (Mato Grosso Brasil) 28-12-1977, com
89 anos,
73 de profissão e
65 de sacerdócio.
Foi diretor por 33 anos.